



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CINTIA AMORIM DOS SANTOS

**A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NA COMUNIDADE
COLÔNIA NOVA EM ABAETETUBA - PA**

ABAETETUBA – PA

2025

CINTIA AMORIM DOS SANTOS

**A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NA COMUNIDADE
COLÔNIA NOVA EM ABAETETUBA - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN – 02/2023 – PROEG/UFPA), apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento.

ABAETETUBA – PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S2371 Santos, Cintia Amorim dos.
A mulher parteira como "Lugar de Memória" na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba-PA / Cintia Amorim dos Santos. — 2025.
35 f.
Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2025.

1. Mulher Parteira. 2. Lugares de Memória. 3. Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.. I. Título.

CDD 370

CINTIA AMORIM DOS SANTOS

**A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA” NA COMUNIDADE
COLÔNIA NOVA EM ABAETETUBA - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de Artigo Científico (IN – 02/2023 – PROEG/UFPA), apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento

Data de aprovação: 27/05/2025

Conceito: EXCELENTE

Banca Examinadora:

Orientador(a)

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento

Examinador(a)

Prof.^a Dr.^a Mariza Felipe Assunção

Examinador(a)

Prof.^a Dr.^a Vilma Nonato de Brício

ABAETETUBA – PA

2025

Às minhas ancestrais, que, com sua força e sabedoria, foram protagonistas de suas histórias e deixaram ensinamentos que ecoam através do tempo, guiando meus passos até aqui.

AGRADECIMENTO

Quando olho para trás e vejo tudo o que vivi até chegar aqui, percebo que essa caminhada jamais teria sido possível sem o apoio, a força e o amor de pessoas especiais. Essa conquista não é apenas minha, mas de todos que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, celebraram comigo as pequenas e grandes vitórias e me impulsionaram a continuar quando eu mesma duvidei das minhas forças.

Aos meus pais, Maria Claudete de Lima Amorim e Cláudio Nascimento dos Santos, meu primeiro e mais profundo agradecimento. Vocês foram meu alicerce, minha fortaleza, aqueles que, mesmo diante de todas as dificuldades e limitações, nunca deixaram de acreditar em mim. Só nós sabemos os desafios que enfrentamos, e se hoje estou aqui, é porque vocês me ensinaram a resistir, a ter coragem e a nunca desistir. Mãe, sua dedicação, seu incentivo e sua fé em mim foram a bússola que guiou meus passos. Se sou quem sou hoje, é porque você, com seu amor incondicional, me mostrou que o conhecimento é o caminho para um futuro melhor. Essa conquista é nossa!

Aos meus amigos e companheiros de jornada, Ewerton de Sousa Lopes e Thalia Marques de Oliveira, vocês foram muito mais do que colegas de turma. Foram meus pilares nos momentos mais turbulentos, meu refúgio nos dias difíceis, a leveza necessária quando tudo parecia pesado demais. As lágrimas que dividimos, os abraços que me sustentaram e as risadas que aqueceram os dias cansativos ficarão guardados para sempre no meu coração. Não importa para onde a vida nos leve, vocês sempre terão um lugar especial na minha história. Obrigada por tornarem essa jornada menos solitária e infinitamente mais bonita.

Aos meus professores, que tanto me ensinaram e inspiraram, expresso minha mais profunda gratidão. Cada palavra, cada ensinamento e cada incentivo foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Em especial, agradeço à professora Mariza Felipe Assunção, que me apresentou ao universo da pesquisa e acreditou no meu potencial quando eu ainda duvidava de mim mesma. Sua orientação foi um divisor de águas na minha trajetória acadêmica. E ao meu orientador, professor Sérgio Bandeira do Nascimento, que, com seu olhar sensível e sua paixão pelo ensino, me fez compreender que nossas histórias e memórias são tesouros que devem ser preservados e valorizados. Vocês fizeram muito mais do que ensinar: moldaram a profissional e a pessoa que estou me tornando.

Ao meu companheiro de vida, Márcio Ribeiro Ferreira, meu amor e minha gratidão infinitos. Desde o primeiro dia dessa jornada, você esteve ao meu lado, me apoiando em cada

passo, celebrando cada conquista e segurando minha mão nos momentos de insegurança. Você enxergou em mim forças que eu mesma não via e me mostrou, todos os dias, o que é amor verdadeiro: aquele que cuida, que incentiva, que fortalece, que respeita. Obrigada por ser meu porto seguro, meu abrigo e meu maior incentivador.

E, por fim, agradeço a mim mesma. À menina que sonhou e à mulher que não desistiu. Àquela que, mesmo cansada, seguiu em frente. Que enfrentou seus medos, abraçou seus desafios e se permitiu crescer em cada etapa desse processo. Houve dias em que duvidei, em que chorei, em que pensei que não conseguiria, mas jamais permiti que o desânimo me vencesse. Hoje, com orgulho, olho para trás e vejo que todo esforço valeu a pena. Sou a primeira da minha família a concluir o ensino superior, e essa conquista carrega não só a minha história, mas a esperança de que muitos outros também possam acreditar e lutar por seus sonhos.

Foram cinco anos de aprendizado, superação e autoconhecimento. A cada dificuldade, um novo crescimento; a cada desafio, uma nova versão de mim mesma se construía. Essa jornada foi intensa, transformadora e profundamente marcante.

“Bem no início da humanidade, elas manifestaram esse dom divino. Puseram as mãos sobre um ventre singelo e apararam ao céu a menina e o menino. Daí surgiram divinas parteiras, mulheres guerreiras, enviadas por Deus, com suas rezas, ervas caseiras e a missão verdadeira de ajudarem aos seus [...]” (Zé Miguel)

In memoriam de Antônia Julia Cardoso de Lima (Antônia Sobrinho).

RESUMO

O estudo trata sobre a mulher parteira como “Lugar de Memória” na comunidade rural Colônia Nova no município de Abaetetuba-PA. Tem como objetivo principal produzir narrativas históricas como estratégia para a iniciação à pesquisa histórica e ao ensino em História nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com aproximações ao conceito de “lugares de memória” do historiador francês Pierre Nora. É um estudo de natureza histórico educativa e faz uso da abordagem qualitativa, com suporte da pesquisa documental fundamentada em entrevistas semiestruturadas com mulheres da comunidade de Colônia Nova. Além de Nora (1993), dialogamos com Adiche (2009), Cambi (1999), Le Goff (2013), Silva e Silva (2009), entre outros. O estudo abrange o contexto histórico-social recente da referida comunidade, abordando as práticas em memórias associadas à mulher parteira, aqui traduzida como objeto de nossa curiosidade epistemológica para os campos da história e da educação. Os resultados indicam que o ofício de parteira, embora não mais praticado na comunidade, permanece como um elo entre passado e presente. A valorização dessas práticas tradicionais é reconhecida como parte essencial do legado histórico-cultural de comunidade, evidenciando a importância da preservação de memórias e saberes transmitidos por gerações, e contribui para o entendimento de que o “Lugar de Memória” não é simplesmente um lugar escolhido aleatoriamente por ser antigo, e sim um lugar que deva ter significado.

Palavras-chave: mulher parteira; lugares de memória; ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental.

ABSTRACT

The study deals with the midwife as a “Place of Memory” in the rural community of Colônia Nova in the municipality of Abaetetuba-PA. Its main objective is to produce historical narratives as a strategy for initiating historical research and teaching history in the early years of elementary school, with proximities to the concept of “places of memory” by the French historian Pierre Nora. It is a study of a historical educational nature and uses a qualitative approach, supported by documentary research based on semi-structured interviews with women from the Colônia Nova community. In addition to Nora (1993), we dialogued with Adiche (2009), Cambi (1999), Le Goff (2013), Silva and Silva (2009). The study covers the recent historical and social context of this community, addressing the practices and memories associated with the midwife, here translated as the object of our epistemological curiosity for the fields of history and education. The results indicate that the craft of midwifery, although no longer practiced in the community, remains a link between the past and the present. The appreciation of these traditional practices is recognized as an essential part of the community's historical and cultural legacy, highlighting the importance of preserving memories and knowledge passed down for generations, and contributes to the understanding that a “place of memory” is not simply a place chosen at random because it is old, but a place that must have meaning.

Keywords: women midwives; places of memory; teaching history in the early years of primary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E LUGARES DE MEMÓRIA	14
2.1 SABERES TRADICIONAIS E A “MEDICINA CASEIRA”	16
2.2 A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	33
ANEXOS	34

O LEGADO DE ANTÔNIA SOBRINHO: a mulher parteira como “Lugar de Memória” na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba-PA¹

Cintia Amorim dos Santos²

Sérgio Bandeira do Nascimento³

1 INTRODUÇÃO

O estudo intitulado “O Legado de Antônia Sobrinho: a mulher parteira como ‘Lugar de Memória’ na Comunidade Colônia Nova em Abaetetuba–PA”, decorre das formulações e problematizações desenvolvidas na disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de História, componente curricular do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Como estratégia metodológica, partimos das problematizações iniciais com base na obra “Os perigos de uma História Única” da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche (2009), no texto “Documento/Monumento” do historiador francês Jacques Le Goff (2013) e alguns verbetes do “Dicionário de Conceitos Históricos” de Silva e Silva (2009).

Nesta atividade foi possível relacionar os conceitos dos referidos autores acerca da importância da memória para a construção do conhecimento histórico. Segundo Silva e Silva (2009, p. 276), a memória coletiva é “[...] composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo”.

Outra definição fundamental para este estudo foi o conceito de História Oral, pois nossa pesquisa se define principalmente a partir dessa perspectiva metodológica, Silva e Silva (2009, p. 186) ressaltam que, “apesar de seu nascimento como instrumento de registro da memória de personagens ‘importantes’, a História Oral voltou-se cada vez mais para a História Social, buscando recuperar a memória e a experiência de grupos à margem da história escrita”.

A partir desses conceitos teóricos, nosso objetivo geral é promover a produção de narrativas históricas, utilizando-se como referência a mulher parteira da comunidade Colônia Nova como “lugar de memória”.

¹ O referido trabalho é produto de nossos estudos na disciplina Fundamentos Teóricos-metodológicos do Ensino de História, ministrada pelo Prof. Dr. Sérgio Bandeira, na Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Abaetetuba.

² Graduanda do curso de Pedagogia. UFPA - Campus de Abaetetuba. E-mail: cintiamorim9@gmail.com

³ Professor adjunto da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. E-mail: sergbandeira@ufpa.br

Como estratégia de pesquisa e ensino para os estudos críticos acerca dos conteúdos da história da educação, do ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental e dos saberes tradicionais. Além disso, buscamos aprofundar os conceitos de memória coletiva, oferecendo uma perspectiva sobre o papel da mulher parteira, que não apenas proporcionou cuidados vitais durante o sentido do parto, mas também para a preservação da vida e a contribuição para a preservação da identidade histórica da comunidade. Tendo em vista esse entendimento, propomos a seguinte questão de pesquisa: Como a mulher parteira da comunidade Colônia Nova, no município de Abaetetuba–PA, está inserida no conceito de “lugar de memória”?

No que diz respeito à abordagem metodológica, nosso estudo segue uma abordagem qualitativa, a qual Godoy (1995) define como o entendimento sobre os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos envolvidos. Esse estudo também se fundamenta em pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado”. Enfatizamos a pesquisa histórico-educativa, que, para Cambi (1999, p. 24), revela-se mais claramente e de modo mais intenso “a história das teorias, das instituições escolares e formativas, bem como a história da didática, dos costumes educativos, da infância, das mulheres e do imaginário”.

Como instrumento investigativo, utilizamos entrevistas semiestruturadas – o que nos permitiu adaptar a ordem das perguntas às mulheres que participaram das entrevistas. Essas mulheres compartilharam relatos de memórias vividas e/ou transmitidas sobre um passado que, por gerações, ainda é lembrado.

Na sequência, entre outros, exploramos também o texto de Nora (1993), no qual o autor discute o conceito de “lugares de memória” que será mais profundamente explorado ao longo deste estudo, uma vez que é parte fundamental para a compreensão das definições e conceitos elaborados pelo referido autor e assim, buscamos ampliar a formulação sobre “lugares de memórias” com base em nossas próprias compreensões.

Para abordar essa problematização, buscamos suporte teórico em autores que oferecem contribuições significativas para o estudo do tema, como Barroso (2009), Cambi (1999), Diegues e Arruda (2001), Luca (2021), Maués (1994), Nascimento e Morais (2013), Nora (1993), Oliveira, Nóbrega e Pereira (2020), Pereira (2011), Pessoa (2005) e Pinto (2012). Esses autores fornecem importantes reflexões sobre a temática estudada.

Reconhecemos também a relevância deste tema, especialmente pela forma como o ensino de História frequentemente atravessa e explora os significados das nossas vidas pessoais

e familiares. Essa conexão foi evidenciada por meio de diálogos em sala de aula e pelo relato da discente e autora deste estudo, Cintia Amorim dos Santos. Diante dessas características, a investigação sobre a mulher parteira como "lugar de memória" no município de Abaetetuba-PA se organiza em três partes.

A primeira sessão se volta para a compreensão da História da educação, o ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental e do conceito dos “lugares de memória”; em seguida concentra-se no estudo dos saberes tradicionais e da “medicina caseira”; e, por fim, a terceira sessão aborda a valorização da mulher parteira como “lugar de memória” na comunidade Colônia Nova, em Abaetetuba-PA. Ao explorar essas dimensões interligadas, buscamos evidenciar a complexidade e a riqueza do papel desempenhado pela mulher parteira. Como suas práticas continuam a ser lembradas na estrutura social da comunidade e como essas memórias podem servir de contribuição para a valorização das narrativas comunitárias no ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2 HISTÓRIA E EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E LUGARES DE MEMÓRIA

A partir da década de 1930, na Revista *Annales*, Lucien Febvre defendeu novos parâmetros para o campo historiográfico e da história, por meio da obra intitulada “Combates pela História”. De acordo com Luca (2021), nesta obra:

A "História problema", em contraposição àquela ancorada na cronologia, no indivíduo e na narrativa linear, propunha-se a ultrapassar o político e dirigir o olhar para as estruturas sociais e econômicas, para os fenômenos coletivos, as mentalidades e as diferentes temporalidades da história. Isso se deu a partir de um constante diálogo com outras disciplinas [...] (Luca, 2021, p. 38).

Essas “revoluções” no campo historiográfico provocaram significativas mudanças também no campo da história da educação. Nos últimos 25 anos, houve uma significativa transformação metodológica na pesquisa, resultando na substituição da narrativa da história da pedagogia pela história da educação, considerada mais rica, complexa e inovadora (Cambi, 1999).

[...] desenvolveu-se assim um modo radicalmente novo de fazer história de eventos pedagógico-educativos, rompendo com o modelo teoreticista, unitário e "continuista" do passado, fortemente ideológico. Deu-se vida a uma pesquisa mais problemática e pluralista, bastante articulada e diferenciada, que – considerada no seu conjunto – pode ser definida como história da educação, tomando a noção de educação tanto como conjunto de práticas sociais quanto como feixe de saberes (Cambi, 1999, p. 24).

A compreensão desses avanços metodológicos e epistemológicos no campo da história da educação é fundamental para a formação de profissionais da pedagogia, especialmente aqueles que irão atuar nos anos iniciais do ensino fundamental. Esses profissionais precisam não apenas dominar o conteúdo histórico, mas também entender as transformações nas abordagens de ensino de história, o que inclui a incorporação de perspectivas críticas e a valorização de novas narrativas. Segundo Nascimento e Morais (2013, p. 141) “a perspectiva de contribuir na construção da identidade sócio-cultural e a formação de seus alunos para o exercício da cidadania por meio dos conhecimentos reunidos na disciplina de História”.

Assim, nos anos de 1970, com a emergência da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, ocorrem diversas mudanças nas abordagens educacionais, que acompanharam também a história e seu ensino. Essas reformas incorporaram a multiplicidade de sujeitos construtores da nação brasileira e da história mundial. Novos temas, abordagens e formas de pesquisar e escrever a história emergiram, como a história local e o uso da memória.

Ao fomentar uma prática pedagógica que prioriza a pluralidade de vozes e memórias, o educador contribui para uma educação que valoriza a diversidade e promove o pensamento crítico desde os primeiros anos de ensino. Sob essa perspectiva o estudo da história local desempenha um papel significativo na formação do aluno como sujeito social, pois sua utilização contribui para situá-lo em seu lugar de origem e aproximar a disciplina de História de sua realidade cotidiana.⁴ Como ressalta Adiche (2009, p. 16) “As histórias importam [...] as histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar”.

Nesse contexto, surge o conceito de “lugares de memória”, esse termo foi introduzido pelos estudos do historiador Pierre Nora (1984), na França. Segundo ele, “Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (Nora, 1993, p. 12), podem ser tangíveis ou intangíveis, mas abarcam memórias coletivas de um determinado grupo de pessoas.

⁴ Embora entre os nossos propósitos esteja evidenciar a valorização da história local como estratégia para dinamizar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, ressaltamos que é um ponto de partida para compreensão de processos históricos em diferentes temporalidades e espacialidades, além de criar práticas investigativas a partir de sua realidade mais imediata. Para Schimidt (2007, p. 190) “ao se propor o ensino de história local como indicativo da construção da consciência histórica, não se pode esquecer de que, no processo de globalização que se vive, é absolutamente indispensável que a formação da consciência histórica tenha marcos de referência relacionais e identitários os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais”, além de que, para essa autora, “a história local é mais plural, menos homogênea, que não silencia as especificidades”(Schimidt, 2007, p. 191). SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. IN: GASPARELLO, Arlette Medeiros *et alii*. **Ensino de história – sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (Nora, 1993, p.21).

A partir da perspectiva do historiador francês Pierre Nora (1993), o conceito de "lugares de memória" pode variar, entre concreto ou abstrato, e levanta questões sobre o que é lembrado e por quem, estando relacionado ao revestimento de aura simbólica que seus habitantes lhes atribuem. Com base nisso, ampliamos o conceito para incluir a "mulher parteira como lugar de memória" na comunidade Colônia Nova, no município de Abaetetuba-PA.

Esse tema possui grande importância para a memória cultural do povo, especialmente para a comunidade e as famílias, uma vez que a mulher parteira trouxe inúmeras contribuições. Como destacado por Pereira (2011, p. 7), “Ao longo da história da humanidade, é possível verificar que a mulher sempre deteve o papel principal na assistência ao parto, independentemente do universo sociocultural no qual estivesse inserida”.

Sob essa perspectiva, a história desta mulher e seus saberes tradicionais estão diretamente ligados ao cuidado com mulheres antes e após o parto, atividades curativas e permeadas por afetos. Sendo esta mulher reconhecida como detentora de saberes, onde “suas figuras emergem como mulheres destemidas, fortes [...] capazes de ultrapassar tanto a liderança dos seus povoados como a chefia doméstica, sendo na maioria dos casos, as principais provedoras da família” (Pinto, 2012, p. 215).

A partir de relatos, esta mulher vivenciou obstáculos no desenvolvimento de suas funções; no entanto, sempre buscou ajudar outras mulheres através de seus saberes. Diante de uma sociedade competitiva e carregada de obstáculos para mulheres, principalmente pobres e negras, vemos emergir o cuidado de mulheres com outras mulheres em um momento cheio de simbolismos, a maternidade e o parto. Assim, pesquisar sobre essa mulher-parteira ressalta a importância de suas práticas de cuidado, seus saberes e experiências, suas contribuições para a sobrevivência de toda uma geração de crianças em uma comunidade onde a assistência médica não chegava e os saberes populares eram os únicos meios de garantir a vida pela resistência e enfrentamento às carências sociais e econômicas. Saberes estes que serão abordados no tópico a seguir.

2.1 SABERES TRADICIONAIS E A “MEDICINA CASEIRA”

O “conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”

(Diegues; Arruda, 2001, p. 50). Os saberes tradicionais se apresentam a partir de práticas, técnicas e conhecimentos transmitidos de geração para geração – os quais se formam em decorrência da sabedoria acumulada ao longo do tempo e, no decorrer da história, pelos povos tradicionais.

Esses saberes provêm de uma ancestralidade plural, composta por diferentes povos que, ao longo da história, contribuíram para a formação da sociedade que hoje conhecemos. Trata-se de saberes tradicionais que se mostraram especialmente necessários em comunidades afastadas das cidades, onde o acesso à medicina ocidental era – e muitas vezes ainda é – precário ou inexistente. Nesse sentido, Maués (1994, p. 76) observa:

Tudo isso se constitui em elementos relevantes de uma forma de culto que é também uma prática médica local [...], como em centenas de outras povoações e vilas do interior da Amazônia. São extremamente precários ou inexistentes os serviços de saúde oferecidos por pessoal treinado dentro da tradição da medicina ocidental. Ademais, mesmo que essas pessoas possam utilizar serviços médicos de fora de suas comunidades, isso é feito concomitantemente com a utilização da medicina local, cuja abrangência é muito mais ampla, envolvendo crenças religiosas, conhecimento da natureza [...], relações sociais (família, vizinhança, povoação, outras localidades), [...].

Dentro desse contexto, temos um conceito característico que é evidenciado, a partir de nossas entrevistas, e que surge nos questionamentos sobre os saberes desses povos mais antigos: a chamada “medicina caseira”. Trata-se de um saber prático, transmitido oralmente entre gerações, e amplamente reconhecido por sua eficácia no cuidado cotidiano da saúde. A medicina caseira está profundamente enraizada no cotidiano das famílias das comunidades tradicionais, sendo composta por uma variedade de práticas e conhecimentos que envolvem o uso de plantas medicinais, rezas, garrafadas, chás, unguentos e banhos de ervas, muitas vezes associados a elementos simbólicos e espirituais.

É interessante mencionar que muitos profissionais da saúde já trouxeram à tona a importância da medicina caseira como uma prática terapêutica, pois conforme Ataíde et al. (2007, p. 127): “Desde a antiguidade, as plantas medicinais são usadas para a preparação de remédios caseiros, com a finalidade de prevenção e tratamento de diferentes enfermidades” (Oliveira; Nóbrega; Pereira, 2020, p. 154).

Esta existe desde os primórdios da humanidade e foi essencial para o aprimoramento do que conhecemos hoje como medicina moderna. No contexto da mulher, ela é mais presente ainda e representada na figura das parteiras. Segundo Barroso (2009, p. 1-2) “O saber e ofício de partejar acumulados tradicionalmente pelas parteiras são vistos hoje como uma alternativa de saúde da mulher em áreas rurais” No seu ofício de partejar ligado a “medicina caseira”,

Com sua sabedoria as parteiras são consideradas em muitas comunidades interioranas as pessoas mais importantes no atendimento à saúde da mulher e da criança. Adquirem conhecimento sobre o corpo da mulher com a experiência, conhecem raízes e ervas que servem para qualquer tipo de doenças, são herdeiras de um rico legado cultural de seus antepassados, de um saber histórico-cultural que passa de geração a geração (Barroso, 2009, p. 7).

Incorporando técnicas e conhecimentos ancestrais em sua prática, as parteiras integram ao seu ofício diferentes conhecimentos e abordagens para garantir a segurança, bem-estar e saúde das mulheres (e dos bebês) que chegam até elas. Uma vez que “esse espaço social e cultural é o de produzir saber sobre a saúde da mulher e do parto numa relação efetiva e sólida” (Barroso, 2009, p. 9).

No reconhecimento do ato de cuidar vindo dessas mulheres (parteiras) e da própria sabedoria expressa em seus manejos através do conhecimento sobre ervas/plantas para uso medicinal, não há a existência apenas disto: existe a criação de um vínculo de confiança entre a parteira e a mulher que vai até seus cuidados. Desse modo, ela se apresenta como símbolo de representatividade dos saberes tradicionais através do ofício de partejar, assim como sinônimo de cuidado aos olhos de quem passa por suas mãos.

Esse saber é transmitido de maneira viva, adaptando-se e renovando-se com o tempo, mas sem perder sua existência. Elas trazem consigo uma abordagem holística que valoriza não apenas o corpo, mas também a dimensão emocional e cultural de cada indivíduo, consolidando-se como símbolo de preservação da memória coletiva.

A mulher parteira não aparece na história apenas como referência do seu ofício, ela vai muito além: adentrando a vida de quem usufrui de seus conhecimentos e trabalhos (não somente as gestantes), ela mantém contato com os moradores onde vive, estabelece ligações (afetivas, de amizade e confiança) e, conseqüentemente, fixa um legado por onde passa.

2.2 A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”

Historicamente, a parteira está presente há milhares de anos, desde quando a humanidade passou a racionalizar que mulheres auxiliam outras mulheres na hora do parto e, com o passar dos séculos, esses saberes foram passando de geração em geração – prioritariamente entre mulheres da mesma família. Essas mulheres, a partir de seus saberes, conquistaram grandes reconhecimentos em suas regiões e comunidades. Conforme o Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil (2021, p. 4), “parteiras tradicionais são mulheres mestras do ofício do partejar, detentoras de um repertório de saberes e práticas ancestrais acerca da gestação (pré-natal, parto e pós-parto), transmitido de modo doméstico e familiar [...]”.

Entretanto, podemos analisar, que com o passar dos tempos e com o surgimento da tecnologia e da medicina moderna, esses saberes tradicionais foram perdendo espaço, permanecendo majoritariamente em pequenas comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas no interior do país, e nas histórias e memórias dos mais antigos.

Até o aparecimento da medicina moderna, as mulheres pariam seus filhos em casa, e eram assistidas por outras mulheres que sabiam “aparar crianças”. Os acontecimentos acerca da gravidez, do parto e do cuidado com as crianças eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina [...] (Pereira, 2011, p. 3).

Este estudo não tem por objetivo romantizar esses relatos, mas sim relatar memórias que, ainda atualmente, marcam uma comunidade e muitos de seus moradores. As narrativas presentes neste estudo são vinculadas a três mulheres que viveram e/ou conheceram, mediante contato pessoal e/ou memórias compartilhadas, a mulher parteira que é nosso objeto central de estudo.

As memórias de Antônia Julia Cardoso de Lima, mais conhecida como Antônia Sobrinho, serão relatadas através de nossas entrevistas. Nascida no dia 18 de setembro de 1920; de origem indígena marajoara, vinda ainda menina para a comunidade Colônia Nova, com sua família, e que através dos saberes advindos de sua mãe e repassados de geração em geração entre mulheres da mesma família, ajudou outras incontáveis mulheres durante a gestação até o momento do parto e, até o momento de sua partida no dia 27 de maio de 1983, contribuiu incansavelmente com seus saberes para a comunidade.

Imagem 01: Antônia Julia Cardoso de Lima (Antônia Sobrinho)



Fonte: Acervo familiar de Antônia Sobrinho, cedida por Joana Rosa C. de Lima (filha), 2024.

Relataremos, aqui, histórias e memórias dessa mulher que deixou o legado histórico de saberes e contribuições que foram (e serão) repassados durante os anos. A comunidade Colônia

Nova está localizada no interior do Município de Abaetetuba–PA, nordeste do Pará, à beira da PA 151, na Rodovia Moura Carvalho. Antigamente constituída por poucas casas, quase não passavam transportes, o que prejudicava a locomoção dos poucos moradores daquela época. Segundo relatos da dona Maria Claudete (2024), uma das moradoras entrevistadas, “não tinha posto de saúde, a escola era pequena. A rua que ia para Abaetetuba não era rua, era só um caminho. Não tinha ônibus, só “pau de arara”⁵ que levava as pessoas para Abaetetuba. Quando não tinha o pau de arara, as pessoas iam a pé ou de bicicleta”.

Começando as apresentações de nossas narrativas, apresentamos a Joana Rosa Cardoso de Lima, conhecida como “Rosinha”, nascida no dia 20 de maio de 1946, na comunidade Colônia Nova, interior do Município de Abaetetuba–PA, pelas mãos de sua avó materna, dona Maria, e criada na referida comunidade. Filha de Antônia Julia Cardoso de Lima – a conhecida “Antônia Sobrinho” –, aprendeu os saberes do partejar, e outros saberes tradicionais advindos de sua mãe.

Imagem 02: “Dona” Rosinha



Fonte: Cintia Amorim dos Santos, 2024.

Segundo a entrevistada, seus primeiros contatos acerca do ofício de parteira ocorreram quando ainda era adolescente, quando sua mãe a chamava para assistir e auxiliá-la com os partos e, depois de sua morte, mesmo não querendo seguir com esse ofício, foi levada a dar continuidade aos seus saberes.

Ela me ensinava, me chamava toda vida que ela ia fazer parto. Ela me falava “olha minha filha, vem olhar, vem aprender, que quando eu morrer, tu que vai ficar no meu

⁵ O termo “pau de arara” é uma expressão popular no Brasil que se refere a um tipo de transporte precário e perigoso, frequentemente utilizado em áreas rurais.

lugar”. E eu dizia: “não quero isso”, mas depois que ela faleceu, o povo fez eu ficar no lugar dela (Joana Rosa C. de Lima, 2024).

Tendo em vista, esse relato, podemos relacionar a aprendizagem desses saberes a partir do que, para Pessoa (2005, p. 63), “É justamente do olhar atento de uma menina – moça, destes princípios minúsculos presentes na prática de sua mãe ou tia, ao atender um parto para o qual era chamada, que nascia uma parteira”. Acentuando a questão do saber tradicional, ensinamentos que eram repassados de mulher para mulher, mãe para filha, de geração em geração e que, mesmo com os receios e negativas desse saber, havia a confiança em seus trabalhos.

Ainda no depoimento de dona Rosinha, foi a partir do falecimento de sua mãe que as mulheres passaram a lhe visitar, almejando ajuda e auxílio de seus serviços como parteira, e mesmo tendo receio, foi por sonhos com sua mãe (Antônia Sobrinho), que ela conseguiu dar continuidade ao legado e saberes de sua mãe. Segundo recorte do Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil (2021, p. 64) “O dom de ser parteira pode se manifestar de formas variadas: no choro da bebê, ainda no ventre da mãe, na forma de sonhos e visões, ou ainda na demonstração de uma curiosidade para o evento do parir e do nascer”. Voltando a entrevista de dona Rosinha, onde ela relata essa experiência:

Primeira criança que eu endireitei na barriga foi da Maria do Miguel [sic], fazia oito dias que a minha mãe tinha falecido [sic] Então de noite eu tinha tido um sonho, aí desse sonho foi onde que eu comecei a praticar as coisas. Eu sonhei que a mamãe veio e falou assim: “Rosa, minha filha não te esconde das coisas que tu sabes, muitas coisas do que tu sabes. Olha, a Maria vem aqui, o filho dela está atravessada, endireita”. Falei: “Mamãe, mas como eu vou endireitar, que eu não sei?”. Aí ela falava assim, “Vem cá Maria deita aqui”, aí a maria disque deitava, ela pegava a minha mão, botava em cima da barriga da Maria e ia fazendo como era pra mim endireitar aquela criança. Que quando foi de tarde a Maria chegou em casa, e aí eu falei: “É, eu vou fazer porque a minha mãe já veio me falar” Aí eu peguei, comecei a puxar, e ela falou: “ah Rosa, eu sabia, mana, que meu filho estava atravessado [sic], aí ela disse: “Tu sabe quem veio me falar? A tia Antônia que veio me falar que meu bebê estava atravessado” (Joana Rosa C. de Lima, 2024).

Através desse relato, percebemos como a questão espiritual está interligada ao ofício de partejar. De como essa relação com o divino e/ou sobrenatural pode também ocorrer por meio de outras conexões. E, em seguida, quando perguntado sobre a importância do legado e dos saberes deixados por Antônia Sobrinho para a comunidade, dona Rosinha relata que:

Foram muitos ensinamentos, muitas mulheres que estão aí ainda que a mamãe fez parto, que a mamãe livrou da morte [...] ela teve tanta importância que quando fizeram a Unidade de Saúde aqui, colocaram o nome dela. Porque ela era uma pessoa que era muito importante aqui na comunidade. Ela era a nossa médica aqui, médica de todo mundo, todo lugar. Ali na colônia velha, quando começou o posto, foi a primeira

parteira que foi fazer teste lá, fazer todas as coisas lá. Nesse tempo não tinha nem energia lá direto. Ela fazia aqueles curativos para botar no umbigo da criança. Nesse tempo ainda amarravam o umbigo, aí para esterilizar eles tinham uma panela de pressão, onde eles preparavam tudinho, colocavam dentro e tampavam para esterilizar as coisas para colocar no umbigo das crianças [...] ela não fazia parto, mas ela fazia os trabalhos lá, orientava as mães, arruma as coisas, fazia curativo de umbigo, o que o pessoal a mandava fazer, ela fazia. E no dia que ela morreu, ela ia para lá (Joana Rosa C. de Lima, 2024).

Assim, podemos analisar quão grande foram as contribuições de Antônia Sobrinho para a comunidade e arredores, tanto que, antes de seu falecimento, ela ainda se dedicava a ajudar e contribuir com os seus saberes. E por conta de suas contribuições, foi homenageada por membros da comunidade que conseguiram, através de grandes discussões, nomear a Unidade Básica de Saúde da Família com seu nome.

[...] colocaram lá como uma lembrança. Foi o Chico Mendes⁶ quem mandou colocar o nome dela. Ele falou: “Porque a tia Antônia era conhecida por Antônia Sobrinho” [...] Porque ele falou que queriam colocar nome de pessoas que eram da polícia. Ele falou: “não pode. Não tem nada a ver colocar nome de policial”, pessoas que eram agentes de polícia, que não tinham nada a ver com a comunidade. Ele brigou e falou que não. Ele disse: “tem que ser a pessoa que fez bem na comunidade, sobre os negócios de medicina, remédio, botou as pessoas bons, é isso que tem que fazer”. Então foi por isso que colocaram, porque ela aqui que era a médica da nossa comunidade, ela quem fazia tudo na nossa comunidade. Ela não parava na casa dela, cuidando dos outros. Então eu acho que é uma coisa muito importante, levar o legado dela a diante, documentar, pesquisar sobre ela para todo mundo saber. [...] (Joana Rosa C. de Lima, 2024).

Percebemos a credibilidade e reconhecimento que Antônia Sobrinho deixou. Por suas contribuições terem sido reconhecidas na comunidade em que atuou incansavelmente, foi reconhecida como detentora de um saber próprio, e ao fazer uso destes saberes tradicionais.

Dona Rosinha acrescenta, em sua fala, sobre a importância de resgatar essas memórias para a sociedade como forma de lembrar as futuras gerações sobre o legado de Antônia Sobrinho, suas contribuições e o número de mulheres e crianças que ela ajudou. Valorizando os saberes ancestrais e reconhecendo sua própria história. Ao ser questionada sobre qual a importância de resgatar essas memórias para a sociedade atual, ela responde:

[...] porque ela salvava muita gente, muitas mulheres, que vinham para ter filho, enascada para ter filho, e a gente ajudava ela, e elas tinham o filho, eu acho que é essa a importância para nós. Dessas mulheres que a gente sempre assistiu elas e que hoje nós podemos dizer que fizemos, ajudamos bastantes pessoas, e que as gerações futuras lembrem disso, e que possam ajudar as pessoas também e valorizar os nossos saberes (Joana Rosa C. de Lima, 2024).

⁶ Líder da comunidade rural Colônia Nova na época (2007).

A segunda entrevistada foi Maria Claudete de Lima Amorim. Nascida no dia 23 de novembro de 1971, também na comunidade Colônia Nova, interior do município de Abaetetuba-PA, na casa de sua avó que também foi responsável por seu parto Antônia Sobrinho, reside na comunidade desde o nascimento.

Imagem 03: “Dona” Maria Claudete



Fonte: Cintia Amorim dos Santos, 2024.

Maria Claudete, neta de Antônia Sobrinho, era pequena quando observava a procura pelos serviços da avó. “Antes dela falecer, eu a conheci e sempre via pessoas indo lá na casa dela pra ela 'puxar' pé, barriga; eu não assistia parto porque ela não deixava” (Maria Claudete de L. Amorim, 2024). Perguntamos para Maria Claudete como se deu o primeiro contato dela com a profissão de parteira, ela respondeu:

Eu conheci porque minha mãe sempre falava para nós que minha bisavó era uma excelente parteira [...]. Que minha avó também era uma excelente parteira, ela que fez meu parto e de todos os meus irmãos [...]. Quando a mulher não podia parir, ela se ajoelhava e orava, rezava para a mãe dela, para vir ajudar ela naquele momento. Ela era católica, mas trouxe esses rituais de sua descendência indígena, passou da minha bisavó para minha avó e depois para minha tia, tem essa questão de geração. Às vezes, ela sempre falava que orava porque a mãe dela vinha e falava o que ela devia fazer, quando a criança estava fora da posição, aí ela metia a mão na barria e encaixava a criança no ponto de ter, e a mãe tinha o filho normal mesmo (Maria Claudete de L. Amorim, 2024).

Pereira (2011) aponta que as parteiras são mães, esposas, avós, madrinhas, e tias que aprenderam com seus ancestrais a realizar diversas formas de trabalho no mundo natural, bem como a abençoar, recitar orações para obter ajuda na hora do parto. O ofício de parteira é repassado de geração em geração. E esse foi o caso do nosso objeto de pesquisa, Antônia

Sobrinho, ela aprendeu o ofício de parteira com sua mãe, que havia aprendido com seus ancestrais indígenas, e Antônia Sobrinho repassou esse ofício para a filha, dona Rosinha. Mas, infelizmente, o ofício de parteira não seguiu adiante na família; entretanto, outros saberes que Antônia Sobrinho repassou para a filha, dona Rosinha, permaneceram e, posteriormente, foram passados para dona Maria Claudete, e tantas outras gerações posteriores a Antônia Sobrinho.

A minha tia queria repassar a profissão dela para mim, eu ainda fui assistir um parto com ela, mas vi que ali não era para mim; porque é muito complicado, traumático, eu acho, para a pessoa fazer isso. Só que assim, eu ainda puxo um pé, uma costa, só não o parto (Maria Claudete de Lima Amorim, 2024).

Se tratando das formas de pagamento que as parteiras recebiam pelos seus serviços, Pinto (2012) diz que as parteiras não tinham recompensas relevantes para o seu trabalho, elas recebiam aquilo que a pessoa podia pagar ou dar em troca; sendo dinheiro, xerimbabos⁷, farinha, frutas e, acima de tudo, a gratidão das pessoas que elas ajudaram. Os saberes e práticas informais, transformaram-se em uma medicina barata e acessível. Esta realidade das parteiras é relatada durante a entrevista com a neta da parteira Antônia Sobrinho. dona Maria Claudete relata que Antônia Sobrinho:

[...] fazia muita caridade para os outros, às vezes eles queriam pagar ela e ela fazia de graça (parto). Nesse tempo, eles pagavam a parteira e às vezes a pessoa não tinha condições de pagar e ela fazia de graça. “Não é porque vocês não tenham dinheiro que eu não vou fazer, faço sim” (Maria Claudete de L. Amorim, 2024).

Além do trabalho de parteira, Antônia Sobrinho realizava outros serviços. De acordo com dona Maria Claudete, “Ela fazia remédio, fazia garrafada, ela fazia muitos remédios que às vezes nem as farmácias tinham em Abaetetuba, ela fazia remédio pra febre, pra tosse, tudo isso ela tinha sabedoria [...]” (Maria Claudete de L. Amorim, 2024). Questionamos dona Maria Claudete sobre a importância que Antônia Sobrinho e seus ensinamentos trouxeram para a comunidade, ela responde o seguinte:

No meu ponto de vista, ela trouxe muitas coisas boas, sabedoria para muitas, porque o que ela fazia depois que ela faleceu, ela passou para a filha dela, minha tia (rosinha), que também fez muitos partos. Por exemplo, ela fez o parto de dois filhos meu. Aí foi uma coisa boa que ela fazia, ela fazia muita caridade para os outros, às vezes eles queriam pagar ela, e ela fazia de graça (Maria Claudete de L. Amorim, 2024).

⁷ Designação genérica de animal de criação ou de estimação. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/xerimbabo>.

Mais adiante, perguntamos para dona Maria Claudete sobre a importância de resgatar essas memórias para a atual sociedade, ela diz que é importante para que essa memória não se perca.

Eu acho que é muito bom resgatar essas memórias, porque elas estão se perdendo, porque as pessoas que eram mais velhas estão se indo todas (falecendo), então vai se apagar essa memória. A importância que se resgate essas memórias para documentar, para deixar registrado, o legado dessas pessoas que tem esse conhecimento. É muito importante, porque Antônia Sobrinho, o legado dela não se foi junto com ela, aí tem que resgatar para não ficar esquecido. Pouca gente que se lembra dela, os netos se lembram dela, os bisnetos não, eles não a conheceram. Hoje em dia as filhas dela já faleceram, só tem uma, a tia rosinha que também foi uma excelente parteira e hoje em dia pela idade ela não exerce mais essa profissão, mas foi também uma excelente parteira (Maria Claudete de L. Amorim, 2024).

Dando sequência, a terceira entrevistada foi Deusarina Pereira Baia; nascida no dia 29 de agosto de 1950, também na comunidade Colônia Nova, reside no mesmo local desde o nascimento. Trabalha como Agente Comunitária de Saúde (A.C.S.) na Unidade Básica de Saúde da Família Antônia Sobrinho há 27 anos; foi vizinha de comunidade de Antônia Sobrinho e teve três de seus cinco filhos aparados pela parteira.

Imagem 04: “Dona” Deusarina



Fonte: Cintia Amorim dos Santos, 2024.

Dona Deusarina, no auge dos seus 73 anos, é parte integrante da comunidade principalmente por ser nascida e criada na localidade – conhecia Antônia Sobrinho de longas datas. Assim, dentro do seu relato sobre a Antônia Sobrinho e seu ofício, das suas muitas falas, ela nos diz que,

[...] da questão das mulheres para ter a criança, a gente tinha a finada Antônia que era parteira daqui da nossa comunidade, que quando eu me entendi no mundo, já conheci ela trabalhando nessas coisas, parto. Nem só do parto, como fazer remédio para as pessoas que chamavam ela, aí qualquer coisa, aquela doença do ar que chamavam, dores, “puxação”; aí todos iam atrás dela, para ela puxar, botar emplasto, botar ventosa e era tudo isso ela fazia, ela era médica daqui da nossa comunidade (Deusarina Pereira Baia, 2024).

Sobre as parteiras, com suas práticas culturalmente relacionadas à realidade local, a capacidade de observação e a habilidade as transformam nas médicas da comunidade onde vivem (Barroso, 2009, p. 7), evidenciando fortemente a importância dessas mulheres para o próprio desenvolvimento e crescimento da comunidade onde residem. E isso fortalece, com o passar do tempo, a relação existente entre parteira e comunidade.

Nesse contexto, dona Deusarina continua sua fala sobre a importância de Antônia Sobrinho e de seus saberes para a comunidade. Ela diz que,

O que ela trouxe para a comunidade, foi esse trabalho dela, porque se ela não soubesse, no caso iriam acontecer tantas mortes, tanto da mãe, como da criança; porque não tinha quem fosse fazer aquele parto, não tinha para onde correr, não tinha na cidade, não tinha onde, só mesmo aqui interior e outras parteiras. Se não fosse por ela saber isso, então a comunidade ficava muito apereada, porque não tinha quem fizesse; aí o que a gente podia fazer então? Só era mesmo o socorro dela, [...] como ela fez todo este trabalho e, embora fosse até pago, mas quem não podia... ficava por isso mesmo, não tinha, ela não ia brigar porque foi lá e não pagou, né, mas ela fazia, não tinha dessa, ajudava quem podia e quem não podia (Deusarina Pereira Baia, 2024).

Ser parteira consiste em produzir um modo particular de ajuda por intermédio de seu ofício. Demonstrando dedicação e doação de si mesma, onde esse doar conduz a um aumento do seu poder pessoal juntamente com a comunidade que, ao mesmo tempo que necessita de seus serviços, também a legitima socialmente. Essa legitimação se revela através das relações de produção do saber, bem como do espaço onde reproduzem suas práticas, isto é, “nas demarcações de seu campo de atuação, envolvendo a comunidade e a relação que estabelece com a natureza” (Barroso, 2009, p. 11).

Ao refletir sobre as entrevistas, sobre as falas de cada mulher que colaborou para se entender quem era a parteira Antônia Sobrinho, notamos o quão importante é o resgate dessa memória para a própria comunidade – e dona Deusarina nos ajuda a pensar como esse resgate pode ser feito (através de sua fala), bem como o porquê esse resgate se torna importante.

Eu acho assim que, para resgatar isso é através de conversas. Conversando com as pessoas né [...]. Então, eles vão sabendo disso através dos mais velhos que vão comentando e é por isso que eles têm já, muitos têm conhecimento disso, por causa disso. [...] pessoas boas, a gente nunca deixa de estar lembrando né, nunca deixa de ser lembrada. Então é por isso que a memória dela cresce sempre, porque, de todo o bem que ela fez, aí quando a gente conversa com alguém sobre ela, aí a gente não vai “ah,

Antônia Sobrinho ela era uma parteira, mas ela era muito grosseira, ela não pegava os filhos direito, morreu criança na mão dela, que não sei o que, que maltrataram as mulheres”. Aí não, todos fala de bem, que ela fazia tudo direitinho o serviço dela, [...] ela tinha muito conhecimento da medicina caseira, ela tinha muito conhecimento das plantas, das ervas (Deusarina Pereira Baia, 2024).

Compreendemos assim, que Antônia Sobrinho não apenas simboliza a tradição ancestral e o cuidado com a vida, mas também encapsula a história e a identidade dessa comunidade. Ao longo das gerações, suas habilidades e sabedoria foram transmitidas, criando um legado de confiança e respeito entre as famílias locais. Antônia Sobrinho não é apenas uma parteira, mas uma guardiã do patrimônio imaterial, cuja presença e prática continuam a fortalecer os laços comunitários e a preservar as ricas histórias e memórias da comunidade.

A partir dos relatos das mulheres entrevistadas, é possível identificar temas recorrentes que reforçam a importância cultural e histórica da figura da parteira na comunidade Colônia Nova. Primeiramente, todas as entrevistadas reconhecem o papel central de Antônia Sobrinho, não apenas como uma cuidadora, mas como líder comunitária. Os depoimentos destacam que ela era vista como a “médica da comunidade”, uma mulher detentora de conhecimentos valiosos sobre o corpo, plantas medicinais e práticas de cuidado que eram repassados entre gerações. Esse saber tradicional, que inclui a chamada “medicina caseira”, aparece como um aspecto essencial e valorizado por suas contribuições à saúde das mulheres e das crianças.

Outro ponto comum nos relatos é o valor da espiritualidade e da prática de Antônia Sobrinho. As entrevistadas mencionam orações, visões e a crença em uma ligação com o “divino” como parte das práticas de partejar, o que aponta para uma intersecção entre religiosidade e cuidado. Essa espiritualidade era frequentemente associada à confiança que a comunidade depositava na parteira, reforçando a ideia de que o trabalho de Antônia Sobrinho transcendia o parto e tocava as vidas das pessoas além dos níveis afetivos.⁸

Entretanto, escavar os resultados para o estudo foi uma tarefa árdua, pois observamos a falta de documentos referentes a memória registrada de Antônia Sobrinho, homenageada no lugar escolhido – a Unidade Básica de Saúde da Família, inaugurada no dia 23 de dezembro de 2008, na comunidade Colônia Nova.

Imagem 05: Unidade Básica de Saúde da Família Antônia Sobrinho (Atualmente)

⁸ Como ressaltado anteriormente, este artigo decorre das problematizações desenvolvidas na Disciplina FTM de História do Curso de Pedagogia do Campus de Abaetetuba/UFPA. Inicialmente o debate de gênero não consistiu como proposta de estudo, porém, o trabalho da “parteira” no cuidado com o corpo da mulher abre significativas possibilidades para as pesquisas de gênero, o que pretendemos desenvolver futuramente na Pós-Graduação.



Fonte: Cintia Amorim dos Santos, 2024.

Vale destacar que o referido prédio não foi construído em homenagem à parteira Antônia Sobrinho, entretanto, foi nomeado por reconhecimento a sua memória, histórias e contribuições ativas não só na referida comunidade, mas também em vários outros lugares onde mulheres precisaram de sua ajuda e, é através de seu imenso significado naquela região, que podemos afirmá-la como a mulher parteira de “lugar de memória”.

Por fim, os relatos convergem na importância de documentar e preservar a memória de Antônia Sobrinho, pois seu legado não se limita às habilidades de partejar. Ela é lembrada como símbolo de resistência cultural e de transmissão de conhecimento. Esse desejo de perpetuar sua história revela não apenas uma homenagem a Antônia Sobrinho, mas uma vontade coletiva de valorizar os saberes locais como forma de resistência à perda de identidades culturais da região.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das problematizações apresentadas no estudo, podemos ressaltar a trajetória transformadora da história e da educação ao longo dos anos, com o movimento Escola dos *Annales* iniciado por Lucien Febvre na década de 1930, desafiando paradigmas convencionais e voltando o foco para questões coletivas e estruturais da sociedade (Luca, 2021). No mesmo sentido, no âmbito da história da educação, as mudanças metodológicas promoveram uma transição importante da história da pedagogia para a história da educação, proporcionando uma abordagem mais rica, complexa e inovadora.

Na relação entre Educação e saberes tradicionais, particularmente no contexto da mulher parteira, é evidenciado fortemente a importância do conhecimento cultural e das práticas

comunitárias na formação das sociedades. Ela (a parteira), muitas vezes uma figura central das comunidades tradicionais, é quem transmite os conhecimentos ancestrais sobre parto, assim sua história de vida e trabalho exemplifica muito bem como o ensino de História nos anos iniciais do ensino Fundamental não se limita apenas ao ambiente formal, mas também se enraíza nas práticas cotidianas e na transmissão de saberes orais.

O ofício das parteiras estabelece um elo simbólico entre o passado e o presente, uma vez que os partos já não são realizados por parteiras na comunidade. Apesar de essa prática ter se tornado parte da história local, o reconhecimento e a valorização dessas tradições permanecem vivos, evidenciados nos esforços para preservar o legado histórico-cultural da comunidade. Embora a saúde atualmente seja predominantemente ofertada de forma institucionalizada, priorizando a formação formal e os serviços especializados, o passado continua presente no prédio que homenageia Antônia Sobrinho. Como a "médica" da comunidade em tempos anteriores, sua memória é perpetuada como símbolo de cuidado e resistência cultural.

A nomeação da unidade básica de saúde da família com o nome de Antônia Sobrinho representa uma forma de reconhecimento coletivo da comunidade à relevância de sua trajetória como parteira. Essa decisão, impulsionada pela mobilização popular, reforça a importância do papel desempenhado por ela na preservação da saúde e no fortalecimento dos laços comunitários. Mais do que uma homenagem, trata-se de uma ação que valoriza sua memória, destacando-a como uma figura simbólica cujas contribuições transcendem o tempo e reafirmam a valorização dos saberes tradicionais na construção da identidade local.

A partir das entrevistas, consideramos que Antônia Sobrinho é lembrada com carinho pela comunidade pelo seu ofício de partejar, mas não somente por isso: ela é lembrada como a mulher forte que foi – a qual estava sempre disposta a ajudar o outro. Sendo uma mulher que exerceu forte papel dentro da comunidade Colônia Nova, com sua sabedoria, seus ensinamentos, seus serviços que ajudaram e salvaram vidas; consegue deixar um legado e memórias afetivas para aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la. Portanto, reconhecer o legado e a história da parteira Antônia Sobrinho é importante para que a memória dela não se perca e nem seja apagada.

No entendimento de que o “lugar de memória” não é simplesmente um lugar escolhido aleatoriamente por ser antigo, mas sim um lugar que deva ter um significado, compreende-se que a Unidade Básica de Saúde da Família Antônia Sobrinho emerge como um espaço

simbólico que reconhece e perpetua esse legado, por isso, é nomeada em homenagem à parteira proeminente da região Antônia Sobrinho.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. TED Global, jul. 2009.
- BARROSO, Iraci de Carvalho. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, n.º 2. dez. 2009.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: fundação editora da UNESP (FEU), 2021.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant Ana; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília; MMA. 2001. p. 176.
- DOSSIÊ PARTEIRAS TRADICIONAIS DO BRASIL**. Referente à Pesquisa dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil com vistas à instrução do Processo de Registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). TED 02/2018 – Iphan MinC. Recife, outubro de 2021.
- GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *In: Revista de Administração de Empresas – ERA*, v.35, n.2, mar./abr.,1995.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo. Atlas, 2002. p. 87.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LUCA, Tânia Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. 1ª. ed., 1 reimpressão. São Paulo: contexto, 2021.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. *In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.)*. Saúde e doença um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1994.
- NASCIMENTO, Sérgio Bandeira do; MORAIS, Stela Pojuci Ferreira de. Práticas inconfidentes no ensino de História e na formação continuada de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. *In: RIBEIRO, Maria Edilene.; CUNHA, Débora Alfaia.; PEREIRA, Elisa Nazaré Gomes (Orgs.)* **Formação continuada de professores: entrelaçando saberes e práticas inovadoras**. Castanhal/PA: GEPPE, 2013.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.
- OLIVEIRA, Rinalda Araújo Guerra de; NÓBREGA, Anamélia Soares; PEREIRA, Valdelene Nunes de Andrade. Maria, dos andores à medicina caseira: seu nome e os nomes populares das plantas medicinais. **Paralellus. Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife, PE, Brasil, v. 11, n. 26, p. 149-164, 2020. DOI: 10.25247/paralellus 2020.v11n26.p149-164.

PEREIRA, Marina Santos. O Trabalho da Parteira: um saber iniciado e compartilhado entre as mulheres. In: **V Jornada Internacional de Políticas Públicas - V JOINPP**. São Luís, MA. Anais da V Jornada Internacional de Políticas Públicas: Estado, Desenvolvimento e Crise do capital, 2011.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Ed. UCG; Kelps, 2005.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Gênero e etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 2, jul./dez., 2012. p. 201 a 224.

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. pág. 324 a 327.

Fontes Orais:

Entrevista realizada com a senhora Deusarina Pereira Baia no dia 13 de junho de 2024.

Entrevista realizada com a senhora Joana Rosa Cardoso de Lima no dia 13 de junho de 2024.

Entrevista realizada com a senhora Maria Claudete de Lima Amorim no dia 12 de junho de 2024.

APÊNDICE – Roteiro da entrevista

1. Identificação (nome, data de nascimento e local, estado civil, profissão, quanto Tempo na profissão...)
2. Quanto tempo você reside na comunidade? de modo geral como era a comunidade antigamente?
3. Qual a sua relação com objeto de pesquisa (Dona Antônia e sua profissão “parteira)? (dizer o nome de seu tema e/ou objeto de investigação)
4. Como ocorreu os seus primeiros contatos acerca dessa profissão (Parteiras)?
5. Qual a importância que a Dona Antônia e seus ensinamentos trouxeram para a comunidade?
6. Quais as principais mudanças que você percebe acerca desse assunto (Parteiras) no decorrer do tempo?
7. Como você percebe (de modo geral) a relação entre a comunidade da Colônia Nova acerca desse tema de pesquisa (A mulher parteira)?
8. Atualmente, como você observa os impactos que a Dona Antônia trouxe para a comunidade?
9. Com relação a UBS que foi nomeada com o nome da Dona Antônia, você acredita que a sua memória continua presente?
10. Qual a importância de resgatar essas memórias para a sociedade atual?
11. Que aspectos você ainda entende serem necessários falar acerca desse objeto de pesquisa? (PERGUNTA LIVRE...)

ANEXO A – Termo de autorização

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O LEGADO DE ANTÔNIA SOBRINHO: a mulher parteira como “Lugar de Memória” na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba - PA

Nome da Pesquisadora: Cintia Amorim dos Santos

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “O LEGADO DE ANTÔNIA SOBRINHO: a mulher parteira como ‘Lugar de Memória’ na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba - PA”.

Abaetetuba - PA, 25 de abril de 2025.



Assinatura do Participante da Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O LEGADO DE ANTÔNIA SOBRINHO: a mulher parteira como “Lugar de Memória” na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba - PA

Nome da Pesquisadora: Cintia Amorim dos Santos

Nome do Orientador: Sérgio Bandeira do Nascimento

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos no estudo: “O LEGADO DE ANTÔNIA SOBRINHO: a mulher parteira como ‘Lugar de Memória’ na comunidade Colônia Nova em Abaetetuba - PA”.

Abaetetuba - PA, 25 de abril de 2025.

Thalia Marques de Oliveira

Assinatura do Participante da Pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS



CURSO DE PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Aos vinte e sete dias do mês de maio de dois mil e vinte e cinco, de modo virtual, pela plataforma do *Google Meet*, reuniram-se os Membros da Banca Examinadora, abaixo-assinados, sob a presidência do Professor Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento, com a finalidade de examinar, com base na Instrução Normativa No. 02/2023-PROEG, na modalidade de Artigo Científico, o Trabalho de Curso (TC) intitulado **A MULHER PARTEIRA COMO “LUGAR DE MEMORIA” NA COMUNIDADE DE COLONIA NOVA EM ABAETETUBA/PA**, da discente **CINTIA AMORIM DOS SANTOS**, do Curso de Pedagogia, turma 2020/Manhã/Extensivo. A sessão teve início às 17h00 e foi encerrada às 18h30 com a exposição do trabalho pela discente. Após a arguição dos membros da Banca e das devidas considerações da discente, a ATA de DEFESA foi lida pelo presidente e, por consenso, o Trabalho de Curso foi avaliado com o conceito:

() EXCELENTE () BOM () REGULAR

Recomendações para a entrega da versão final do Trabalho:

Abaetetuba/PA, 27 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br SERGIO BANDEIRA DO NASCIMENTO
Data: 23/07/2025 10:12:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador (FAECS/UFPA)

Prof. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIZA FELIPPE ASSUNCAO
Data: 23/07/2025 15:40:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro-Avaliadora- FAECS/UFPA)

Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção

Documento assinado digitalmente
gov.br VILMA NONATO DE BRICIO
Data: 18/09/2025 12:01:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Membro-Avaliadora- FAECS/UFPA)

Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício



Autor(a):

Afiliação do autor(a):
Instituição de vínculo empregatício da autoria

CPF: Matrícula:

Telefone: E-mail:

Curso/Programa:

Orientador(a):

Coorientador(a):

Outros:

Título e Subtítulo:

Data da Defesa:

Tipo de Documento: TC¹ TCCE² Dissertação Tese Livro
 Capítulo de Livro Artigo Científico Trabalho Apresentado em Evento


Outro:

TERMOS DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaro, para os devidos fins, que o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente dos Artigos 297 a 299 do Código Penal ([Decreto-Lei n. 2.848](#) de 7 de dezembro de 1940), da [Lei n. 9.610](#) de 19 de fevereiro de 1998 sobre Direitos Autorais, do [Regimento Geral da Universidade Federal do Pará](#), da [Lei n. 12.527](#) de novembro de 2011 que trata da Lei de Acesso à Informação, da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*, e que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão desta como trabalho próprio, ou na inclusão, em trabalho próprio, de ideias, textos, tabelas ou ilustrações transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

TERMO DE ACEITE E CONSENTIMENTO DE TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS

Autorizo a Universidade Federal do Pará, na condição de Controladora de dados e a Biblioteca Central da UFPA na condição de operadora, a recolher, utilizar, registrar, tratar, processar, armazenar e avaliar meus dados pessoais fornecidos ao submeter a Declaração de Autoria, nos termos da [Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais \(LGPD\)](#) e [Política de Privacidade e Proteção de Dados Pessoais da UFPA](#), com a finalidade de verificar a titularidades da obra, de elaborar estudos estatísticos e armazenar os registros.

Documento assinado digitalmente
 CINTIA AMORIM DOS SANTOS
Data: 18/09/2025 21:27:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ASSINATURA DO(A) AUTOR(A) VIA SOU.GOV

1 Trabalho de Curso de Graduação

2 Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UFPA

1. Tipo de Documento TC¹ TCCE² Dissertação Tese Livro
 Capítulo de Livro Artigo Científico Trabalho Apresentado em Evento
Outro:

2. Informações sobre a obra

Autor(a):
CPF: E-mail:
Telefone:
Curso/Programa:
Título do Documento:

Orientador(a):
Coorientador(a):
Outros:
Data da Defesa: Área do Conhecimento CNPq:
Área de Concentração:
Se Tese ou Dissertação
Linha de Pesquisa:
Se Tese ou Dissertação
Agência de Fomento:
Se houver

3. Informação de disponibilização do documento

Restrição para Publicação: Com restrição³ Sem restrição
Justificativa para Restrição:

A partir de qual data o documento poderá ser disponibilizado na íntegra?

1 Trabalho de Curso de Graduação

2 Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização

3 Não será disponibilizado, somente após a data informada neste termo, se houver.

4. Permissões⁴

Permite uso comercial da obra? Sim Não

Permite modificações na obra? Sim Não

O documento está sujeito a patentes? Sim Não

5. Teses e Dissertações defendidas fora da Instituição


É Tese ou Dissertação defendida fora da UFPA? Sim Não

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO

Como titular dos direitos autorais da publicação mencionada, de acordo com a [Lei nº 9.610/98](#), autorizo a Universidade Federal do Pará (UFPA) a disponibilizar, sem ressarcimento de direitos autorais e conforme as permissões assinaladas acima, o documento em formato eletrônico e digital na internet e nas redes sociais. Essa autorização é dada para fins de leitura, impressão e download, com o objetivo de divulgar a produção científica gerada pela UFPA, a partir desta data.

TERMO DE ACEITE E CONSENTIMENTO DE TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS

Autorizo a Universidade Federal do Pará, na condição de Controladora de dados e a Biblioteca Central da UFPA na condição de operadora, a recolher, utilizar, registrar, tratar, processar, armazenar e avaliar meus dados pessoais fornecidos ao submeter a Declaração de Autoria, nos termos da [Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais \(LGPD\)](#) e [Política de Privacidade e Proteção de Dados Pessoais da UFPA](#), com a finalidade de verificar a titularidades da obra, de elaborar estudos estatísticos e armazenar os registros.

Documento assinado digitalmente
 CINTIA AMORIM DOS SANTOS
Data: 18/09/2025 21:25:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ASSINATURA DO(A) AUTOR(A) VIA SOU.GOV

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o usuário(a) CINTIA AMORIM DOS SANTOS, Matrícula 000202001440030, (Aluno Graduação) não possui pendências no Sistema de Bibliotecas da UFPA.

(Este documento dispensa assinatura, autenticação via QR Code).

null, 28/08/2025



Para consultar validade dos dados e emissão de 2ª via acesse o endereço abaixo:

https://bibcentral.ufpa.br/pergamum/biblioteca/url_redireciona.php?cod=MzA2OTQ2-PRG-MDAwMjAyMDAxNDQwMDMw&valid=95EA6CF2A4